

## Ambientação de prédio histórico para uso de museu: uma tipologia, várias adaptações

### Ambiance of a historic building for museum use: one typology, several adaptations

66

Estefani Mikaela Batista Trindade<sup>1</sup>  
Flávia Olegário Palácios<sup>2</sup>

DOI 10.26512/museologia.v12i23.51171

#### Resumo

Sabe-se que é possível preservar um edifício através de seu uso. Neste contexto, existem os museus de arte contemporânea que utilizam as edificações históricas, como visto em Belém (Pará, Brasil), em exposições de longa duração e temporárias, de acervos bem variados. Contudo, esta utilização nova em uma edificação antiga apresenta aspectos importantes de serem discutidos, no que tange as nuances da preservação e um uso contemporâneo, de diversas leituras. Assim, o objetivo desta investigação é de discutir como esta tipologia museal pode apresentar diversas formas de se adaptar e quais exposições, entre permanentes e temporárias, manifestam maior influência na conservação e leitura do edifício. Ainda que falte um olhar mais observador dos museus no que toca aos limites de uso do ambiente pré-existente, é necessário dizer que há benefícios para ambos, edifícios e museus, que podem ser potencializados em favor tanto da manutenção da conservação da construção, quanto do museu.

#### Palavras-chave

patrimônio; edifício; arte contemporânea; exposição; conservação.

#### Abstract

It is known that it is possible to preserve a building through its use. In this context, there are contemporary art museums that use historic buildings, as seen in Belém (Pará, Brazil), in long-term and temporary exhibitions, of very varied collections. However, this new use in an old building presents important aspects to be discussed, regarding the nuances of preservation and a contemporary use, from different readings. Thus, the objective of this investigation is to discuss how this museum typology can present different ways of adapting and which exhibitions, between permanent and temporary, manifest greater influence in the conservation and reading of the building. Although there is a lack of a more observant view of museums with regard to the limits of use of the pre-existing environment, it is necessary to say that there are benefits for both, buildings and museums, which can be leveraged in favor of both maintaining the conservation of the construction and from the museum.

#### Keywords

heritage; building; contemporary art; exhibition; conservation.

<sup>1</sup> Museóloga formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFPA) com ênfase em Conservação e Restauro. Durante a graduação participou de projetos de Extensão e Pesquisas nas áreas de Incentivo à Pesquisas Museológicas, Museus de Arte Contemporânea em Prédios Históricos e Pesquisa na área de Documentação de acervo Musealizável. Tem experiência na área de Exposição museológica com ênfase em Museus de Arquitetura histórica.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Faculdade de Conservação e Restauro (FACORE/UFPA), no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri/UFPA) e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA). Pesquisadora do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (LACORE/UFPA).

## Introdução

As propostas de requalificações detêm certa importância para se compreender a dinâmica urbana atual, pois nas últimas décadas, além do seu objetivo de preservar bens imóveis, estes processos caracterizam-se por incluírem o “cultural” em algumas das experiências de revitalização de edificações históricas sem uso (Botelho, 2005: 54). Assim, surgiu uma demanda por uma combinação harmônica entre preservação e utilização, e há algum tempo a predileção para funções voltadas para área de cultura e lazer, como galerias, centros culturais, bibliotecas e afins, tem sido vista como uma opção viável, tendo os museus um certo destaque porque estas instituições historicamente “compuseram interpretações e ações estabelecidos no quadro combinado da Museologia e do Patrimônio” (Lima, 2012: 45).

Museus das mais diversas tipologias foram destinados a ocupar estas edificações históricas, e dentre estes encontram-se os museus de arte contemporânea. Em seu sentido literal, esta manifestação artística poderia ser definida como aquela que é elaborada por pessoas que vivem na mesma época que nós, entretanto, com o seu desenvolvimento a expressão “arte contemporânea” passou a significar uma arte nunca antes concebida (Wanner, 2010: 156), sendo estabelecida deste então como uma produção singular. Mais precisamente, foi após Duchamp e sua Fonte (Danto, 2008: 11) que a arte tomou este novo rumo, em que a era do gosto e do prazer estético deram lugar a um período onde as produções de arte são concebidas de maneiras não convencionais.

Desde modo, os espaços museais voltados para arte contemporânea começaram a ser cada vez mais difundidos, principalmente a partir da década de 1960, e tornaram-se peças motoras no meio urbanístico, incluindo também as áreas históricas, pois atribuiu-se a estes museus uma capacidade de reestruturação da trama urbana a níveis não somente culturais, mas igualmente a nível socioeconômico e simbólico (Nascimento, 2014: 04).

Em Belém (Pará, Brasil) os principais museus que recebem exposições de arte contemporânea são exemplos do expostos anteriormente, pois estão localizados em edificações históricas. A criação destes museus está interligada a requalificação destas construções, a qual ocorreu dentro do contexto de projetos de financiamento cultural executados pelas gestões estadual e municipal entre a década de 1990 e 2000. O Museu Casa das Onze Janelas, implantado na Casa das Onze Janelas, o Museu do Estado do Pará, que se encontra no palácio Lauro Sodré e o Museu da Universidade Federal do Pará, localizado no palacete Augusto Montenegro, são exemplos de prédios históricos que foram requalificados durante este período ou um pouco posterior a ele que receberam uso museal.

Os três museus apresentam espaços para projetos expositivos temporários, como, por exemplo, o Salão Arte Pará, Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e demais mostras de responsabilidade dos próprios museus, de coletivos e fundações culturais de Belém e do restante do Brasil. Ainda há, com exceção do Museu Casa das Onze Janelas, as exposições permanentes de cunho histórico que completam as exposições presentes no Museu do Estado do Pará e Museu da UFPA. Elas possuem como tema as principais instituições que ocuparam anteriormente as edificações (sede do governo do Estado e reitoria da UFPA, respectivamente) e ainda que sejam espaços mais restritivos, no que diz respeito a acréscimos periódicos, eles são, por vezes, ocupados por obras das exposições temporárias.

Estas edificações, que são os objetos de estudo desta pesquisa, não somente tiveram mais de uma utilização ao longo de sua existência, como cada uso trouxe um conjunto de modificações, parciais ou integrais, para que os museus pudessem ser instalados e mantidos. Não há mudança sem adaptação e adaptação que se faça sem modificações, é comum e esperado, pois foi através desde meio, de reutilização em reutilização, que estas construções chegaram até o nosso tempo e assim se mantiveram, e não foi diferente quando os museus foram instalados na Casa das Onze Janelas, palacete Augusto Montenegro e Palácio Lauro Sodré.

Porém, sob a ótica de um museu de arte contemporânea, existem transformações específicas e constantes acarretadas tanto por seus projetos expográficos quanto pelas próprias obras inseridas nos espaços, uma vez que algumas destas, para serem contextualizadas, necessitam trabalhar diretamente com o ambiente, estabelecendo assim uma relação mais informal e de proximidade com o público e, por consequência, com a arquitetura (Carvalho, Vilhena, 2014: 12). Assim, vemos que os espaços museais que abrigam a arte contemporânea enfrentam um novo aspecto da reutilização que os desafia a confrontar discursos e representações ditas como tradicionais, principalmente no campo museográfico (Nascimento, 2014: 03) – área que trata das práticas museológicas como documentação, ações de conservação e exposição.

É partindo desta reflexão, sobre o uso de um edifício histórico enquanto museu de arte contemporânea e tendo em vista que essa utilização dessas construções é um meio para se obter uma preservação mais ativa, e não a sua finalidade (Kühl, 2009: 206), que este artigo se justifica e possui como objetivos a investigação de como uma tipologia museal apresenta formas díspares de se adaptar em contextos históricos diferentes, e como suas exposições, com foco nas mostras temporárias, interagem com o espaço histórico no que toca a sua conservação e leitura. Para a realização deste estudo, cuja metodologia se baseou na observação *in situ* e leitura de bibliografia especializada, optou-se por fazer um recorte que contemplou obras do Salão Arte Pará, Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e mostras variadas entre o início dos anos 2000 e 2019, enquadrando as principais ocorrências de interação entre exposições e edifícios.

## **I. Os edifícios e os usos**

### **I.1 A adaptação das exposições nos edifícios históricos em Belém (PA)**

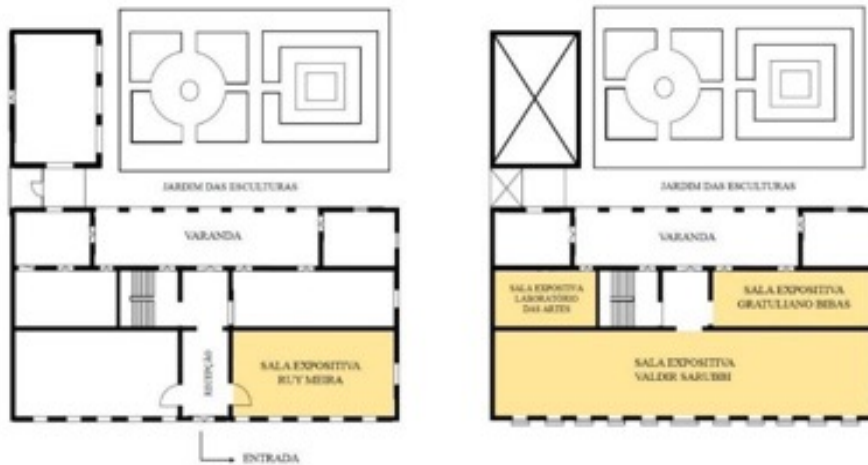
Com a instalação dos museus, além da criação de novos métodos expográficos, o espaço pré-existente recebe constantemente mudanças, sejam elas a adição de novas cores nas paredes, mudança no jogo de luzes que compõem a iluminação do local, ou ainda elementos arquitetônicos que são ocultados por paredes falsas com o objetivo de dar uma nova interpretação ao ambiente.

É perceptível que esta nova inserção artística e os procedimentos expográficos que resultam dela, inevitavelmente conduzem as edificações históricas que acolhem museus de arte contemporânea à novas remodelações através de suas modificações periódicas, fazendo conseqüentemente emergir um novo conjunto de discussões, preocupações e necessidades a serem atendidas com relação a como este tipo de arte, logo, exposições irão interferir na conservação e leitura destas edificações.

Uma destas preocupações é com relação ao espaço e a modificação de sua leitura de modo parcial ou total em favor das obras e exposições. Para que esse tipo de adversidade seja evitado os responsáveis pelos projetos expográficos tendem cada vez mais a integrar adequadamente os elementos das edificações pré-existentes como escadas, paredes, salas de consideráveis dimensões e etc. nas exposições de modo que ambos, projetos/obras de arte e ambientes expográficos, sejam igualmente beneficiados (Costa, 2012: 77).

O Museu Casa das Onze Janelas, por exemplo, possui ao seu favor uma edificação de boas proporções, que são bem exploradas pelos projetos expográficos. As salas expográficas Sala Rui Meira, Sala Valdir Sarubbi, Sala Laboratório de Artes e Sala Gratuliano Bibas localizados entre o térreo e o primeiro andar (Figura 01), com o auxílio de paredes falsas são subdivididos em espaços menores criando a sensação para quem visita o museu de que este possui mais salas expositivas do que realmente existem (Figuras 02 e 03).

Figura 1: Planta baixa do primeiro e segundo andar da Casa das Onze Janelas



Autoria: Mikaela Batista, 2020.

Figura 02: Sala expositiva Ruy Meira



Autoria: Mikaela Batista, 2020.

Ambientação de prédio histórico para uso de museu:  
uma tipologia, várias adaptações

Figura 03: Parte da Sala expositiva Valdir Sarubbi



Autoria: Mikaela Batista, 2020.

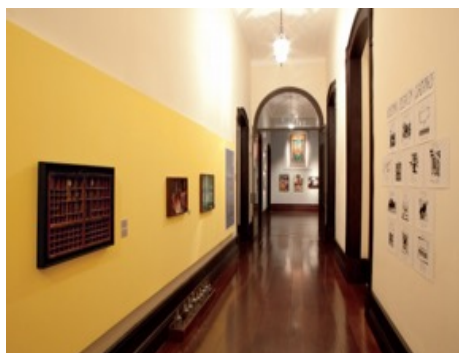
No Museu do Estado do Pará procurou-se ao longo dos anos incluir, para além das seis salas expositivas destinadas para as exposições temporárias, localizadas no primeiro andar, os elementos arquitetônicos e os variados espaços, abrangendo também aqueles que servem a exposição histórica permanente que ficam no andar superior (Figura 04). Além dos recintos destinados exclusivamente para as mostras itinerantes, as salas de exposição históricas, corredores (Figuras 05 e 06) e jardins são locais que passam de lugares com discursos diferentes e comuns para lugares com potencial expográfico para a arte contemporânea.

Figura 4: Planta baixa do primeiro e segundo andar do palácio Lauro Sodré



Autoria: Mikaela Batista, 2020.

Figura 5: Obra “Série Labirinto Ver-o-Peso, autoria Armando Sobral



Fonte: Catálogo Arte Pará, 2011.

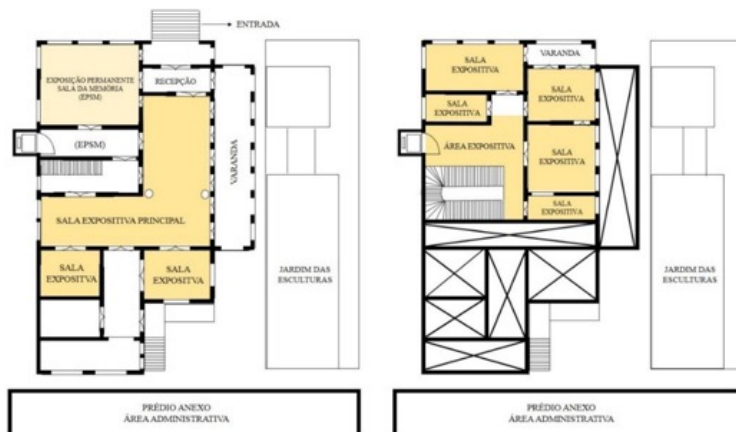
Figura 6: Obra “Mostra Ver-o-Peso



Fonte: Catálogo Arte Pará, 2011.

Por sua vez, o Museu da UFPA (Figura 07) recebe anualmente quatro exposições em média e, diferentemente do Museu Casa das Onze Janelas e MEP que recebem em sua grande maioria instalações e performances, estas são compostas em sua grande maioria por um acervo de fotografias, telas e vídeos. Cada um destes acervos faz parte de um projeto expográfico de discursos distinguíveis entre si, assim todos possuem graus diferentes de interação com a leitura e conservação do ambiente, uma vez que fazem parte de projetos expográficos com conceitos diferentes (Figuras 08 e 09).

Figura 7: Planta baixa do palacete Augusto Montenegro



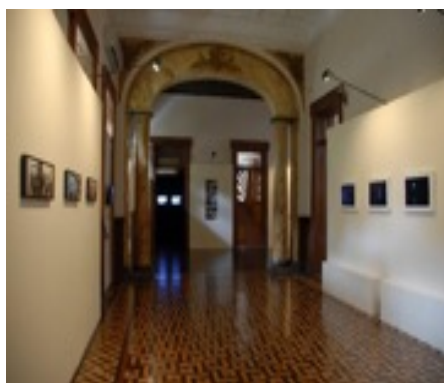
Autoria: Mikaela Batista, 2020.

Figura 08: Exposição itinerante do início de 2019



Autoria: Mikaela Batista, 2020.

Figura 9: Diário Contemporâneo de Fotografia, 2010



Fonte: Patrick Partini. Arquivo Fotográfico MUFPA, 2010.

As adaptações e acréscimos citados são uma tendência atual que surgiu das novas concepções que a arte contemporânea criou, onde o espaço museal deixa de ser neutro e passa a ser incluído tanto nos projetos expográficos como na concepção das obras, uma vez que para os artistas contemporâneos o espaço toma forma enquanto linguagem artística e sua produção passa a explorar este local fazendo dele uma base para a sua criação (Gonçalves, 2004: 54).

Igualmente aponta-se que exposições e obras mantiveram um mínimo diálogo com todos os espaços possíveis de cada edifício, exemplificando como a arquitetura secular pode e deve ajudar e fazer parte da composição expográfica, criando leituras associadas sem criar confusão ao observador. Isso ocorreu por meio dos elementos físicos, os quais podem criar novas significações mediante as variações periódicas que acontecem nos seus espaços graças as mostras (Costa, 2012: 75). Também permeia a experiência sensorial que promove os valores históricos e artísticos, por exemplo, que são intrínsecos aos edifícios fazendo com que o público vivencie não somente o material, mas o imaterial da construção (Alves, 2010: 14).

Contudo, se reconhece que existem situações em que projeto expográfico, principalmente as obras de arte, terão particularidades que irão se sobrepor ao ambiente fazendo com que haja uma clara isenção e interferência mais profunda na conservação do espaço. Assim, verificou-se em determinadas ocasiões exemplificadas a seguir, um benefício em favor especialmente das exposições, e houve interferência direta nos elementos que constituem internamente as edificações, ocasionando observações pertinentes acerca da conservação e leitura dos ambientes.

## 1.2 Relação das edificações com as exposições

Carvalho e Vilhena (2014: 02), no estudo referente a ocupação de um museu em um edifício histórico na cidade de Lisboa, Portugal, apontam que a arquitetura tornou-se foco da arte contemporânea ainda na década de 1960 e, que dentro deste âmbito, pode haver diferenças na hora de se entender um museu. Graças a isso, a abordagem do espaço e de sua materialidade por parte dessa arte vem em um sentido contrário ao que podemos considerar tradicional.

Então, se por um lado a arte contemporânea com sua tendência em tomar o espaço para si faz do ambiente parte constituinte de sua criação, por outro ela igualmente pode interferir na sua composição espacial, pois a reutilização de uma construção histórica traz modificações que são pertinentes a determinadas mudanças e as aplica no edifício e, de certo modo, “(...) qualquer intervenção em um determinado ponto no espaço provoca, em verdade, uma transformação em todo o espaço e, conseqüentemente, em todas as localizações nele contidas” (Furtado, 2014: 348).

É deste modo que dentro do contexto das mostras do Salão Arte Pará, Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e mostras variadas se observou como os museus ao mesmo tempo que colocam estes espaços para dialogarem com as exposições de arte contemporânea, propondo-se nestes momentos a assistir não somente a exposição como também o discurso histórico que a edificação possui, podem também interferir na sua conservação. As instalações como a realizada durante o Arte Pará de 2016 (Figura 10), com obras que interagem diretamente com o ambiente, estão entre as principais categorias que transformam os ambientes expográficos e vão de encontro aos preceitos de conservação, visto que estas obras são inseridas diretamente na arquitetura sem critérios.

Figura 10 (a): Instalação na Capela do palácio Lauro Sodré, autoria de Chang Chi Chai



Fonte: Catálogo Arte Pará, 2016.



Ambientação de prédio histórico para uso de museu:  
uma tipologia, várias adaptações

Figura 10 (b): Carbonização da parede durante a apresentação da instalação de autoria de Chang Chi Chai.



Fonte: Catálogo Arte Pará, 2011.

Com relação a leitura dos ambiente, o que se nota é que o uso de paredes falsas pode tanto auxiliar quando igualmente suprir elementos arquitetônicos. Estes recursos expográficos, além de serem usados para conceber novos ambientes através da divisão das salas, são responsáveis por receber a cor, através de sua pintura total ou parcial, que compõem a identidade do projeto expográfico, servir de suporte e também pode formar um ambiente totalmente novo. Foi o que ocorreu no Museu da UFPA, na mostra 'Fisionomia da Corda' (Figura 11).

Figura 11 (a): Início da montagem.



Autoria: Patrick Partini, Arquivo fotográfico MUFPA, 2014.

Figura 11 (b): Montagem finalizada.



Autoria: Patrick Partini, Arquivo fotográfico MUFPA, 2014.

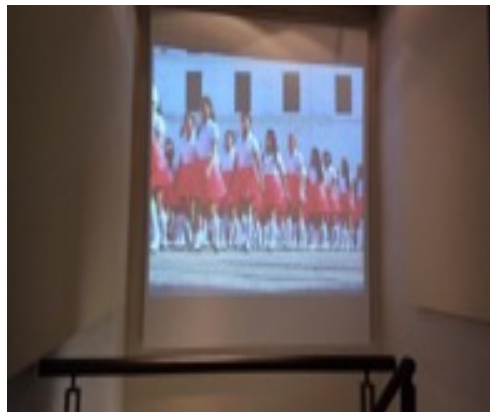
No que diz respeito às exposições ocorridas no Museu Casa das Onze Janelas, o que notamos é a utilização de outros recursos, como o projetores de imagens, que apontados para lugares não comuns trazem experiências diferenciadas, com exploração de demais possibilidades (Figura 12). Também aponta-se novamente o uso da parede falsa, mas agora no exterior da Casa das Onze Janelas, fazendo do Jardim das esculturas um lugar expositivo (Figura 13). Estes recursos têm o poder de potencializar a relação do acervo exposto com o público e potencializar, igualmente, o discurso do museu ao articular uma relação entre os objetos e o espaço museológico (Cury, 2005: 34). Desta maneira, a importância destes suportes expográficos está no amparo físico que as obras necessitam e, ocasionalmente, na redução da utilização direta de elementos estruturais do espaço, como paredes, por exemplo.

Figura 12: Projeção da obra “Rosa Purpura” da artista Berna Reale durante a 36ª edição do salão Arte Pará 2017.



Autoria: Mikaela Batista, 2017.

Figura 13: Pannel da artista paraense Drika Chagas no Jardim das Esculturas durante a 36ª edição do salão Arte Pará 2011.



Autoria: Mikaela Batista, 2017.

Nos exemplos demonstrados observou-se uma interferência por parte dos projetos expográficos, sejam mudanças de luzes e cores nas paredes falsas, o que era de fato esperado, e acréscimos diretos na estrutura do edifício, ocasionando questionamentos acerca da conservação da edificação. Também houveram exposições que priorizaram ao máximo a narrativa expográfica, o que levou a uma interferência mais expressiva na leitura da sala expositiva. Ainda assim, as exposições não demonstraram modificações físicas profundas, porque suas principais exposições abarcaram obras que não interagiram diretamente com o espaço e, sempre que possível, procuraram utilizar recursos extras como suporte.

Mas é importante salientar alguns pontos: a leitura da arquitetura secular se perde em determinados momentos para dar destaque as exposições e como se trata de um edifício restaurado, uma das missões principais das instituições é preservar esta construção, tanto de forma física como simbólica, enquanto documento histórico. Ainda que as exposições apelem para o visual e efeitos que se pode proporcionar, procurando um maior impacto no público (Costa, 2012: 76), modificar sua leitura espacial pode, por consequência, acarretar em transformações físicas nos edifícios históricos.

Assim podemos dizer que as exposições e obras de arte contemporânea anteriormente analisadas e debatidas, ainda que busquem integrar os espaços históricos em seus projetos e concepções, possuem uma clara prevalência de utilização do espaço e isto pode ser explicado pela capacidade que ela possui em se modificar sem maiores empecilhos, pois faz parte da sua natureza efêmera, o que ocasiona constantes mudanças que afetam seu entorno. Consequentemente, as edificações históricas podem ficar à mercê das exposições desta arte uma vez que não toleram modificações de tal maneira.

## 2.A coexistência de diferentes realidades

A interação entre a nova coleção artística advinda da arte contemporânea e os locais históricos onde é exposta cresceu de tal modo que gerou um diálogo rico em novas percepções e desafios (Veiga, Andery, 2014: 202). Estas percepções podem ser compreendidas a depender do ponto de vista ora das obras ora dos espaços, enquanto que os desafios igualmente serão diferentes e para serem superados passou-se a procurar soluções que resultem em uma har-

monia entre a conservação das edificações e as obras e suas contextualizações expográficas.

É fundamentado nesta afirmativa, e no que se observou ao longo dessa pesquisa, que se constatou que da interação entre as edificações históricas e as exposições de arte contemporânea há uma espécie de influência que parte de ambas, construção e exposição. Contudo, as exposições demonstraram uma maior dominância, fazendo surgir desta dois tipos de influência: uma positiva e outra negativa. A primeira é quando a estrutura histórica é inserida na exposição de forma harmônica e adequada, já com a influência negativa, ocorre o inverso, uma vez que a estrutura histórica é pouco ou não inserida, pois ela passa a ser ignorada em favor do contexto do projeto expográfico, além da presença de falhas com a conservação e leitura do ambiente.

Os casos aqui estudados apresentam ambas influências, mas em proporções diferentes. As exposições apresentadas na Casa das Onze Janelas possuem um grau muito maior de influência positiva uma vez que os projetos e obras de arte contemporânea inserem o espaço histórico como todo e há cautela com a conservação do local. Por sua vez no Palácio Lauro Sodré e Palacete Augusto Montenegro, as exposições detêm muito mais da influência negativa, sendo o primeiro de modo mais acentuado dado que esta influência atinge tanto sua conservação quanto sua leitura.

Importante dizer que não se nega uma influência por parte das estruturas históricas, ela existe independentemente dado que a arquitetura histórica não é neutra e apresenta-se a todo instante e estes elementos específicos de sua construção interferem ao seu modo nas exposições (Mendonça, 2013: 27). Todavia, por se tratar de um patrimônio que, por questões de preservação, não possui a transitoriedade que a arte contemporânea apresenta, fica claro como sua influência pode ser considerada inferior se comparada aos projetos expográficos voltados para esta arte. Nos três casos estudados a influência estrutural pode ser vista de modo tanto acentuado quanto parcial, isso irá variar conforme o projeto expográfico e quanto as exposições e obras estão dispostas a inserir a estrutura pré-existente.

É deste modo que aponta-se uma demanda por uma harmonia entre edifício e museu como essencial, pois a partir do momento que a espaço museal é instalado na edificação ele passa a estar integrado a construção e ao seu histórico (Barranha, 2013: 301). Assim, espaço e instituição, por mais que possuam suas particularidades, constituem um mesmo universo e precisam se auxiliar mutuamente, focando na conservação da edificação, dado que o cerne desta discussão não se trata mais sobre a supremacia de uma ou de outra, mas sim uma cooperação que deve existir para potencializar ambas (Fernandes, 2015: 179).

Como obras e exposições exercem uma maior influência sob estas construções, e mesmo que edificação e museu compartilhem do mesmo domínio, é imprescindível que uma análise da conservação destas edificações seja realizada por parte daqueles que virão a utilizar o espaço antes que exposições e obras explorem as mesmas, posto que é necessário se pensar em como trabalhar estas obras nestes espaços históricos de modo que a influência desta diminua e ambas, obras e espaço, estejam em consonância.

Esta colocação vai de encontro a reflexão atual onde se concorda que as requalificações de espaços históricos já fazem parte dos anais da arquitetura contemporânea, tendo os museus um papel importante pois eles acompanham o desenvolvimento que diz respeito as intervenções e salvaguarda de edifícios históricos (Rodrigues, Freitas, 2022: 71). Portanto, torna-se crucial também ex-

Ambientação de prédio histórico para uso de museu:  
uma tipologia, várias adaptações

plorar soluções museográficas que diminuam os impactos das realizações artísticas e, ao mesmo tempo, conversem com as edificações e criem barreiras para os problemas de conservação para que possam amparar ao mesmo tempo a edificação e a exposição (Mendonça, 2013: 94).

Deve ser papel do museu e de seus colaboradores estarem atentos para os materiais empregados durante a montagem da exposição e os que constituem as obras e, igualmente, assegurar que o espaço esteja bem conservado para que seja feito um usufruto consciente do mesmo. É cooperação entre profissionais das áreas da conservação e restauro, museologia, arquitetura e artes, por exemplo, teve garantir que os novos recursos sejam corretamente redimensionados e redirecionados afim de potencializar exposições, obras e edifícios históricos (Costa, 2012: 77).

## Conclusões

Kühl, ao se referir aos edifícios que ainda possuem capacidade de uso e aos processos de requalificação, afirma que “é possível encontrar um uso compatível, se o que se quer é de fato preservar como ato de cultura, que vai diferenciar um processo de decadência por ‘inanição’” (Kühl, 2009: 211). A falta de uso de uma construção histórica é vista como um dos males que pode levar ao seu desaparecimento, pois uma edificação que não está em utilização dificilmente terá os olhos dos agentes responsáveis voltados para si e para sua salvaguarda.

Mas dar uma destinação a um edifício histórico nem de longe representa que ele estará a salvo de ser alvo de ações que poderão perturbar sua preservação. Como afirmado anteriormente, um uso, ainda que tenha objetivos preservacionistas, não está imune de priorizar sua adaptação em detrimento da conservação do edifício secular. No caso do uso museal, a reutilização de uma edificação por parte de um museu poderá ser vista como audaciosa (Choay, 2006: 219), porque a construção é reservada do processo de desuso para cair no desgaste do uso e no que se diz respeito a um museu de arte contemporânea, a onde não somente temos os projetos expográficos, mas as próprias obras interagindo diretamente com o espaço, esta afirmativa torna-se válida.

O que diferencia, portanto, um mal uso de um uso adequado é o quanto a função, que neste contexto trata-se da museal, está ativamente comprometida com o espaço que a abriga e se as ações de conservação estão sendo aplicadas e principalmente repassadas para aqueles que por um certo período também utilizarão do edifício. Um museu não somente tem a missão de preservar, mas igualmente deve possuir como propósito o repasse desse objetivo, expondo trabalhos artísticos sem deixar de pensar nas consequências do mesmo para conservação do ambiente.

A Casa das Onze Janelas, o palácio Lauro Sodré e o palacete Augusto Montenegro, mais do que símbolos das épocas em que foram construídos, representam hoje locais que assistem e narram a produção artística contemporânea do Norte e como tais não podem somente serem levados a ação de desgaste através de um uso sem consciente. Sua manutenção e salvaguarda, reafirmados aqui como os verdadeiros objetivos de se destinar um uso a uma edificação, também poderão ser refletidos na produção artística que já tem parte de sua imagem ligada a estes ambientes seculares.

## Referências

ALVES, Giovana Cruz. O lugar da arte - um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais. *Arquimuseus – Anais do Seminário, Espírito Santo*, 2010 <[https://www.arquimuseus.arq.br/anais-seminario\\_2010/eixo\\_i/pl-artigo-giovana-cruz\\_formatado-27-11.pdf](https://www.arquimuseus.arq.br/anais-seminario_2010/eixo_i/pl-artigo-giovana-cruz_formatado-27-11.pdf)>.

BARRANHA, Helena. *Cien años, un mismo lugar: Museo Nacional de Arte Contemporáneo en el barrio histórico de Chiado (1911 - 2011)*. *Arte y Ciudad*, 2013 <<https://doi.org/10.22530/ayc.2013.N3.I.283>>.

BOTELHO, Tarcísio R. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. *Revista eure*, Santiago de Chile, v. 31, n. 93, p. 53-71, agosto 2005.

CARVALHO, Ricardo, VILHENA, Joana. Fazer um museu numa ruína moderna. *MIDAS* [online], 4, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/midas.743>. Acessado em: 03 ago. 2021.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução por Luciano Vieira Machado. 4ª Ed. – São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006.

COSTA, Robson Xavier da. Expografia moderna e contemporânea: diálogos entre arte e arquitetura. *Series Iberoamericanas de Museología*, vol. 8, 2012 <[https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11590/57537\\_6.pdf?sequence=1](https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11590/57537_6.pdf?sequence=1)>.

CURY, Marília Xavier. Museu e comunicação Museológica. In: CURY, M. X. . *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablumme, 2005, p. 34-48.

DANTO, Arthur C. Marcel Duchamp e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea. Tradução de Virginia Aita. *ARS*, São Paulo, no.12, jul/deze 2008 <https://doi.org/10.1590/S1678-53202008000200002>. Acessado: 09/06/18.

FERNANDES, Catarina Manuel Pinelo. *A arquitetura do museu de arte: de Arquivo a site specific*. Orientador Nuno Grande. Dissertação de Mestrado. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, 2015.

FURTADO, Carlos Ribeiro. Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana. Um estudo sobre gentrificação. *Cadernos Metrópole*, vol.16, n.32, p.341-364. 2014.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o Museu e Exposição de Arte no século XX*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan.-abr. 2012.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas teóricos de restauro*. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2009, p. 206-213.

Ambientação de prédio histórico para uso de museu:  
uma tipologia, várias adaptações

LIMA, Diana Farjalla Correia. "Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão" *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Cienc. Hum. 7, no 1 (Janeiro/Abril 2012): 31-50.

MENDONÇA, Fabíola Moulin. *Arte e Arquitetura – Diálogo possível: Um estudo de caso sobre o Museu de Arte da Pampulha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Noronha. A musealização da arte contemporânea como um processo discursivo e reflexivo de reinvenção do museu. *MIDAS* [Online], n. 3, 2014 <<https://journals.openedition.org/midas/563#quotation>>.

RODRIGUES, Meira, FREITAS, Isabel M. *Centros de arte contemporânea em edifícios históricos: três casos de estudo*. Coimbra: S.N, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/20588>. Acessado em: 18 maio de 2022.

SALES, Álvaro Américo Moreira. Patrimônio cultural e gestão: o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. *Patrimônio: Lazer & Turismo*, n. 11, Jul-ago-set, 2010 < [https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo6\\_v7\\_n11\\_jul\\_ago\\_set2010\\_Patrimonio\\_UniSantos\\_\(PLT\\_44\).pdf](https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo6_v7_n11_jul_ago_set2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_44).pdf)>.

VEIGA, A. C. N. R.; ANDERY, P. R. P. Gestão do processo de design de arquitetura efêmera em museus. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 14, n. 4, p. 201-215, out./dez. 2014. ISSN 1678-8621 Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído

WANNER, Maria Celeste de Almeida. *Repensado a representação. Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas* [online], Salvador, 2010 < <http://books.scielo.org/id/296z5/pdf/wanner-9788523208837-06.pdf>>.

Recebido em outubro de 2023.  
Aprovado em fevereiro de 2024.